

A consolidação do plano de estabilização econômica e o desenvolvimento sustentável a longo prazo, duas ambições do governo Fernando Henrique Cardoso, somente serão possíveis a partir do aumento da taxa de investimento na economia, situada hoje em torno de 17% do Produto Interno Bruto (PIB). A avaliação é do secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, um dos responsáveis pela análise do cenário macroeconômico do País.

Atento a mudanças estruturais na economia como a aprovação das emendas constitucionais da ordem econômica, Mendonça de Barros concorda que o Brasil se prepara para entrar num novo ciclo de investimentos. "Teremos algo diferente do que aconteceu na década de 70, quando os investimentos eram financiados basicamente pelo setor público e pela poupança externa", prevê, ressaltando que as estatais não serão mais o grande acelerador do crescimento econômico como foram no passado.

A expectativa do governo é de que a poupança privada seja o principal impulsionador desse novo ciclo. "Temos de criar canais para essa poupança, que é latente, aparecer e gerar oportunidades de investimentos que atraiam os poupadores", avaliou o secretário. Na sua opinião, dois passos já foram dados nesse sentido: a redução da inflação para menos de 2% mensais e o início do processo de privatizações na área de infra-estrutura.

O Plano Plurianual (PPA) enviado pelo governo ao Congresso Nacional mostra que os recursos para investimentos têm de vir do setor privado. A área de infra-estrutura (transporte, energia e telecomunicações), por exemplo, necessita de R\$ 85,39 bilhões em investimentos até 1999, conforme os cálculos do governo. A União, contudo, se dispõe a entrar com pouco mais da metade desse valor: R\$ 47,55 bilhões. As aplicações de recursos privados esperadas chegam à casa dos R\$ 30 bilhões. "Não há alternativa: ou os investimentos vêm do capital privado ou ficaremos conde-

## Poupança privada garante embarque da economia em novo ciclo de investimento

Aplicações de recursos no País já atingem a marca de 17% do Produto Interno Bruto. Governo só vai bancar pouco mais da metade das aplicações em infra-estrutura até 99

por Alexandre Pinheiro, de Brasília



nados a investir entre 2 e 3% da receita líquida do governo, o que é muito pouco como contribuição do setor público federal", afirma Mendonça de Barros.

As mudanças econômicas vão atrair investimentos privados para as áreas de transportes, comunicações, energia elétrica, petroquímica e mineração, conforme avaliação de Mendonça de Barros. An-

tes disso, entretanto, o País já registra aplicações em setores de ciclo mais curto, principalmente ligados à indústria, em que o retorno e o efeito dos investimentos são sentidos mais rapidamente.

O secretário de Política Industrial do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (MICT), Antônio Sérgio Mello, também está otimista em

relação aos investimentos industriais, principalmente de empresas estrangeiras. Uma pesquisa feita pelo MICT mostrou que 78 dessas empresas pretendem investir US\$ 28,25 bilhões no Brasil até 1999, sendo US\$ 4,9 bilhões em novos aportes e US\$ 23,35 bilhões em reinvestimentos. Foram consultadas as 99 maiores empresas estrangei-

ras com atuação no País e 78 responderam à pesquisa.

O trabalho do MICT mostrou que somente em 1995 chegaram ao País US\$ 690,8 milhões, por meio das multinacionais. Os setores de eletroeletrônicos, informática e imagem receberam a maior parcela, ficando com US\$ 291 milhões. Outros US\$ 215 milhões seguiram para a meta-

lurgia e siderurgia e a indústria química e de fármacos ficou com US\$ 125 milhões.

Neste ano, a bola da vez será o setor automotivo. A expectativa do MICT é de investimentos externos da ordem de R\$ 409,3 milhões. Os setores de eletroeletrônicos, informática e imagem também receberão uma nova injeção de recursos: US\$ 313 milhões. As indústrias metalúrgica e siderúrgica terão novos aportes externos de US\$ 240 milhões e a química e de fármacos, US\$ 125 milhões.

Antônio Sérgio Mello avalia que a vinda de capitais estrangeiros é a prova de que os sinais dados pela economia brasileira são positivos. "Estamos muito bem colocados em relação a concorrentes como a China, a Índia e alguns países da América Latina por causa da estabilização da economia e do processo de reformas constitucionais", afirmou Mello. O secretário ressaltou também as privatizações e o mercado expandido gerado pelo Mercosul como outros dois pontos favoráveis ao Brasil na captação de novos investimentos.

O secretário de Política Industrial destaca ainda a importância dos investimentos no setor automotivo a partir da definição das regras do regime automotriz. "É um setor que puxa aplicações em outros segmentos como o petroquímico e o de metais." De acordo com dados do MICT, a soma dos investimentos das montadoras (internos e externos) com os recursos a serem aplicados pelos fabricantes de autopeças vai gerar a entrada de US\$ 13 bilhões no setor automotivo até 1999.

O novo ciclo na economia tem início após um período de baixos investimentos. "Os cinco primeiros anos da década foram marcados por investimentos na reformulação gerencial e na melhoria da qualidade", explica Mello. O resultado disso, conforme dados do MICT, foi uma queda na atividade da indústria em geral: 8,9% em 1990, -2,6% em 1991 e -3,7% em 1992. O secretário ressaltou, contudo, que essa fase de contração e de redirecionamento dos investimentos permitiu ao setor industrial estar, agora, mais bem preparado para a nova fase de aplicações.